

LUZ, CÂMERA, AÇÃO: A PERIFERIA ENTRA EM CENA.

Micheli Ott Pires

(Acad. ESEF/UFPEL, Bolsista MINC)

Nídia Caldas Lemons

(Acad. ESEF/UFPEL, Bolsista PIBIC/CNPQ)

Profº Mestrando Augusto Luis Medeiros Amaral

Profº José Ricardo Veske de Freitas

Profª Drª Eliane Ribeiro Pardo

RESUMO

Levando em conta a diversidade cultural da cidade de Pelotas e a falta de espaços oferecidos pela mídia para produções periféricas se fez necessário a criação de um espaço para divulgação e discussão de questões sócio-culturais das comunidades. A partir daí produziram-se 18 programas na televisão comunitária com objetivo de publicizar as produções artístico-culturais das comunidades periféricas. Este estudo traz um relato de como foram feitas essas produções, e a sua importância na construção da Memória da Rede Solidária do Ponto de Cultura Chibarro Mix Cultural. Este estudo compõem a Linha de Estudos Culturais em Educação Física, ESEF/UFPEL.

ABSTRACT

Taking into account the cultural diversity of Pelotas city and the lack of spaces offered for the media for peripheral productions, it becomes necessary the creation of a space for spreading and discuss partner-cultural questions of the communities. From then on 18 programs in the communitarian television with the objective of publicizing the artistic-cultural productions of the peripheral communities were produced. This study brings the story of how these productions were made, and its importance in the construction of the Memória of the Ponto de Cultura Chibarro Mix Cultural. This study has the Line of Cultural Studies in Physical Education, ESEF/UFPEL.

RESUMEN

Llevando en cuenta la diversidad cultural de la ciudad de Pelotas y la falta de espacios ofrecidos por la media para las producciones periféricas se hizo necesario la creación de un espacio para la divulgación y discusión de cuestiones socio-culturales de las comunidades. A partir de ahí producirán se 18 programas de televisión comunitaria con objetivo de publicizar las producciones artístico-culturales de las comunidades periféricas. Este estudio trae un relato de cómo fueron hechas esas producciones, y su importancia en la construcción de la Memoria da Rede Solidária do Ponto de Cultura Chibarro Mix Cultural. Este estudio componen la línea de Estudios Culturales en Educación Física, ESEF/UFPEL

1. Chibarro Mix Cultural: periferia em cena.

Com o título *Arte e Inclusão: Chibarro cresceu no ano de 2006*, a reportagem do jornal Diário Popular de novembro de 2006 (Pelotas/RS), assinada pelo jornalista Pablo Rodrigues coloca de modo indiscutível o problema dos espaços midiáticos para manifestações culturais periféricas — no sentido mesmo de suas dificuldades de acesso à grande mídia.

“O ano de 2006 foi marcante e movimentado para os integrantes do Ponto de Cultura Chibarro Mix Cultural. Montevidéu os conheceu, em novembro, durante o 3º Fórum Latino-americano *Memória e Identidade*. O Centro Cultural Telemar, no Rio de Janeiro, também os conheceu no evento *A Teatralidade do Humano: o artista, a cidade e a rua*. Dêem-se apenas mais dois exemplos de lugares que os conheceram: Porto Alegre e Santa Maria. Pelotas os conhece? Pouco, muito pouco.”¹

Levando em conta a falta de espaços para a difusão da cultura popular o presente artigo vem demonstrar a importância dos meios de comunicação na divulgação da produção cultural de periferia.

O estudo é resultado de um trabalho de Pesquisa e Extensão de maior envergadura, desenvolvido pela Escola Superior de Educação Física na Universidade Federal de Pelotas desde o ano 2000. O referido projeto vem buscando atender às demandas da população de periferia no que se refere à infra-estrutura necessária para qualificar ainda mais o trabalho artístico, social e político das iniciativas culturais populares (dança capoeira, teatro, música, esportes, etc.).

Em 2004 o projeto adquiriu uma abrangência maior ao ser contemplado com financiamento do Governo Federal (Edital Número 01, de 16 de julho de 2004, Secretaria de Programa e Projetos Culturais do Ministério da Cultura, Programa Cultura Viva)², ganhou impulso social, tornando-se o Ponto de Cultura Chibarro Mix Cultural. Na ocasião, movida pela necessidade de ampliação de seu espectro de atuação, a coordenação do Chibarro agrega novas iniciativas culturais, consolida-se e torna-se uma rede de produção cultural que possui como pilares e metas a serem construídas o trabalho cooperativo, a solidariedade, a utilização e socialização de espaços, a diversidade, a profissionalização, a difusão e o fomento.

Com os recursos recebidos dos programas governamentais foi possível dar início ao processo de registro e análise do conhecimento produzido pela Rede bem como foi dada maior visibilidade social e reconhecimento à cultura produzida pelas iniciativas que se encontram fora do mercado formal e das opiniões dos especialistas do setor artístico.

O Ponto de Cultura Chibarro Mix Cultural é integrado por profissionais de diferentes áreas do conhecimento, professores e estudantes universitários, lideranças comunitárias e artistas de rua, a rede Chibarro atua movida pelo interesse comum de seus integrantes na preservação, no fomento, na análise e registro acadêmico e na democratização de práticas culturais populares, bem como, possui uma forte vinculação com movimentos sociais e com atividades universitárias de pesquisa e extensão alinhavadas pela intervenção social como diretriz.

Concebida como uma política inclusiva, a incubadora reúne iniciativas culturais populares a partir de dois critérios — mérito artístico e intervenção social — disponibilizando espaços, estruturas, laboratórios, o trabalho intelectual de pesquisadores,

¹ Esta matéria no Diário Popular só foi conquistada porque o próprio jornalista por desconhecer o trabalho do Ponto de Cultura publicou uma matéria denegrindo a imagem do projeto.

² O Programa Cultura Viva contempla: 150 mil reais distribuídos em dois anos (2005 e 2006), 45 bolsas Primeiro Emprego no valor de 150 reais; kit multimídia no valor de 25 mil reais.

bolsistas de iniciação científica, organizando a memória dessas práticas, disputando financiamentos públicos e privados, socializando o conhecimento construído em eventos locais, regionais, nacionais e internacionais de caráter científico e artístico³.

2. Pelotas: capital cultural do interior do estado do Rio Grande do Sul.

“A vitória da Tradição. Ao valorizar seus elos com a história e com grupos locais, Pelotas aparece como a cidade mais cultural do interior. Quando alguém coloca os pés na praça coronel Pedro Osório no centro de Pelotas parece estar voltando no tempo. Os palacetes da Praça são o símbolo da ostentação das Charqueadas. A reunião dessa tradição com um processo recente de revitalização deram a Pelotas a condição de Capital cultural entre as principais cidades do interior do estado.” (Resultado de pesquisa realizada pela Revista Aplauso (Ano 9/ edição 79, 2006)

A trajetória histórica de Pelotas configura a cidade como um dos principais pólos culturais do Rio Grande do Sul. A cidade trás consigo as marcas sociais de uma mestiçagem étnica que revela parte de sua história. Em função da utilização da mão de obra escrava, nas Charqueadas e na indústria Saladeril, Pelotas é a cidade do Estado que apresenta a maior concentração de negros em sua população.

Além das práticas clássicas e do rico patrimônio material histórico traduzido nos seus prédios, proliferam nos bairros práticas culturais emergentes, constitutivas da memória imaterial da cidade, expressões artísticas de representatividade significativa por constituírem instrumentos de ligação das culturas, de renovação das tradições e memórias dos povos e, portanto, de fundamental importância na elaboração de políticas públicas afirmativas e voltadas para o protagonismo social de parcelas excluídas da sociedade.

Sabedora do fato de que os grupos atendidos, isoladamente, não atingiam a visibilidade necessária para concorrer às fatias das políticas públicas referentes ao incentivo e fomento da cultura local a incubadora os reuniu em um mesmo local para que juntos constituíssem uma força de maior representatividade dessa cultura, para que assim tivessem seus méritos artísticos reconhecidos e para que através de sua intervenção social legítima conseguissem superar as barreiras do preconceito. Porém, além da infra-estrutura oferecida fazia-se necessário um meio de difusão desse trabalho, já que a grande mídia não abre esse espaço para a produção popular reservando o espaço apenas para a chamada “alta cultura”.

As dificuldades enfrentadas pelos movimentos da sociedade civil organizada estão à espera de novas definições metodológicas em relação ao diagnóstico e ao planejamento da comunicação. Uma visão a partir dos públicos (e não dos instrumentos) parece ser extremamente útil para posicionar essas questões sob uma ótica humanista e verdadeiramente interessada na participação ampla e democrática. (Simeone, 2002)

³ A pesquisa referente ao Ponto de Cultura integra a Linha de Estudos Culturais em Educação Física (ESEF/UFPEL) do CNPq bem como compõem a frente de Memória do Ponto de Cultura Chibarro Mix Cultural. A pesquisa esta focada na Memória e tem como diretrizes epistemológicas das suas problemáticas, a reflexão, a análise, e o registro constante do trabalho de intervenção social produzido pela Rede, intermediado pela universidade. Ela abarca a construção dos memoriais das iniciativas culturais parceiras do Chibarro e também a sua própria memória, resultante da intervenção conjunta dos parceiros amalgamada pelo conceito de rede solidária. Assim o presente estudo é uma das partes da pesquisa, levando em conta a importância da construção da memória do Programa Mix Cultural para a compreensão das possibilidades e dificuldades de constituição da Rede Solidária.

O trabalho realizado pelo Chibarro no campo da comunicação social vem ao encontro de uma proposta Nacional, onde o próprio Ministro da Cultura Gilberto Gil declara, em entrevista a revista Caros Amigos (Ano X nº109, Abril de 2006):

O ministério insiste na necessidade de uma visão aprofundada sobre a diversidade cultural, estabelece o que é isso, estabelece um dialogo amplo na sociedade para revelar o que seja diversidade cultural. Isso vai se manifestando nos vários termos, incentiva a produção local através dos seus próprios projetos ministeriais, através da possibilidade de atuação na televisão pública, estimula essa questão de produção regional, da manifestação local e estabelece também uma competição com o modelo centralizado de criação através da televisão pública, através desses outros projetos que desenvolvem novos talentos, novos públicos, novas linguagens, novas dramaturgias etc.

Levando em conta a ampliação das demandas culturais no seio dos movimentos sociais e a conseqüente importância da luta pela abertura de canais de comunicação para a veiculação, difusão e solidificação de seus autores e produtos o Chibarro num trabalho conjunto com o MinC, sentiu a necessidade de difundir seu trabalho através de meios de comunicação alternativos porém, jamais deixando de considerar a complexidade das mutações oriundas desse novo quadro social configurado a partir das novas tecnologias e que impõem constantemente modificações em relação a esses mecanismos de comunicação e movimentos de difusão. Como afirma Peruzzo:

“A sociedade contemporânea passa por uma fase de grandes transformações e mudanças. Inovações em todas as áreas do conhecimento e novas tecnologias vem trazendo contribuições que geram novos saberes para a humanidade. Em contrapartida, novos problemas, oriundos, em parte destas novas transformações, invadem o cenário social. Na tentativa de sanar estas questões, movimentos sociais iniciativas privadas e associações das mais variadas formas , que se comprometem com o problema do homem e do ambiente em que vive, atingiram maior relevância. Buscam promover autonomamente valores democráticos , direitos humanos e a preservação da natureza (1998)”.

Luz: focando os holofotes sobre as comunidades e suas produções

Desse modo, buscando visibilidade social para os trabalhos desenvolvidos pela Incubadora e, na tentativa de atender à necessidade de divulgação de seus projetos sócio-culturais, a coordenação do projeto deu início à procura por espaços alternativos de comunicação, por novas possibilidades de transmissão da informação, imagens e conhecimentos onde uma outra postura dos profissionais da comunicação em relação às iniciativas culturais populares pudesse ser trabalhada, onde as ações no campo publicitário e jornalístico pudessem estar em sintonia com o desenvolvimento comunitário, com a busca por reconhecimento público por parte das iniciativas.

Os espaços alternativos de comunicação social foram sendo buscados e, mesmo considerando o fato dessa busca, em sua dimensão política, representar um apelo de mobilização, uma tentativa de difusão das práticas culturais produzidas pela periferia, de transformar a representação social padronizada da marginalização com respeito às

populações de periferia e suas produções sócio-culturais, visão essa formatada inclusive e em grande parte pelos meios de comunicação de massas, as dificuldades foram grandes. Os aspectos legais, por exemplo, em relação às televisões e rádios comunitárias são questões imbricadas nessa busca.

A democratização dos meios de comunicação é uma das principais bandeiras dos Pontos de Cultura. Como podemos ilustrar com as palavras do Ministro ao ser interrogado sobre o tema pelo entrevistador da revista *Caros Amigos* (Ano X nº109, Abril de 2006). Vejamos:

Sobre a questão das rádios e das televisões comunitárias: a primeira questão é a da legalidade. O governo não pode estabelecer uma política de incentivo, de fomento, digamos assim, de uma área onde o modo de implantação está no modelo marginal, fora da lei. Mas, como é que o governo faz ao mesmo tempo a exigência do cumprimento da lei e incentiva, por outro, a proliferação, enfim a consolidação da atitude comunitária e de uso de meios de difusão como o rádio e a televisão e também com outros meios? “Estamos tentando fazer isso através dos Pontos de Cultura, fazendo com que os Pontos de Cultura reconheçam manifestações culturais importantes onde quer que estejam, na periferia, no interior etc., e que os Pontos de Cultura legitimem a criação de novas rádios, de novas televisões comunitárias...”.

Na tentativa de cavar espaços na mídia — interesse tanto do Ministério da Cultura quanto do Ponto de Cultura — e, considerando os poucos recursos do Chibarro em termos das possibilidades para a criação de um canal de televisão comunitário bem como os aspectos legais envolvidos, discutimos a necessidade de buscarmos ocupar um espaço em um canal comunitário já existente na cidade e que funcionasse de acordo com as leis da TV a cabo.

Traçada a meta, a coordenação entrou em contato com o Presidente da *Associação Cultural de Televisão Comunitária Via Cabo de Pelotas/RS*, e fechamos um acordo na medida em que a emissora mostrou interesse na realização de um Programa Cultural que fosse também um espaço de difusão de idéias e projetos culturais de periferia comprometidos socialmente com as comunidades. A TVC, como é conhecida na cidade, é a segunda TV comunitária mais antiga e legalizada do estado do Rio Grande do Sul. Possui 214 entidades de apoio, 85 associações comunitárias associadas e uma média de 74 mil telespectadores.

Na ocasião, nos foi oferecido uma hora *ao vivo* da programação semanal onde o espaço e todos os conteúdos divulgados seriam de inteira responsabilidade dos apresentadores do programa obviamente orientados pelas diretrizes do Ponto de Cultura.

Aproveitando o espaço que nos foi concedido e sabendo que “*o cidadão comum encontra pouco espaço nos veículos de comunicação e, quando esse espaço é aberto, geralmente o cidadão é mostrado de forma estereotipada e sensacionalista, como verificamos muitas vezes nas coberturas policiais*” (Bespalkok e Heitzmann, 2003) duas preocupações foram imediatas. Uma, de ordem técnica: como criar um programa em uma semana? Que recursos são necessários? Como construir agendas, pautas, blocos? O que diferencia um programa ao vivo de um programa gravado? Outra, de ordem política: que forma dar a um programa, que cuidados seriam necessários no sentido de criar um espaço na televisão comunitária onde o respeito às diferenças e onde as vozes da diversidade que povoam o Chibarro fossem respeitadas e mantidas em sua condição mutante? Teríamos que propor um estilo ou tentar construí-lo no processo de criação do programa mesmo?

Consideradas as questões, resolvemos criar um programa na televisão com a *cara* do Ponto de Cultura que propositalmente é chamado de Chibarro⁴.

Propiciar a mistura de raças, sexos, classes sociais, escolaridades e culturas diferentes, foi a diretriz imediatamente traçada para a elaboração dos programas e a escolha dos apresentadores deveria refletir essa diretriz. Assim, escolhemos dois apresentadores: Uma mulher jovem, branca, de classe média baixa, estudante universitária do curso de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas e um homem jovem, negro, nascido e criado num dos bairros mais pobres da cidade, conhecido e respeitado pelo seu trabalho como MC⁵ na sua comunidade. Houve quem acreditasse que essa combinação não daria certo, mas olhando esse espaço como um espaço de educação não-formal⁶ é possível afirmar que a educação precisa permitir a irreverência para favorecer a criação.

O programa foi concebido, elaborado e executado pelos dois apresentadores sem experiência na área. Além de apresentadores, eram também catadores de imagens e de novos fatos, elaboradores das pautas e dos conteúdos veiculados no Programa. Pretendíamos criar um Programa Cultural que prioritariamente garantisse espaço para a diversidade cultural e que fosse capaz de constituir um estilo próprio de fazer televisão para e a partir das comunidades. A título metodológico torna-se importante assinalar os dispositivos da intuição e da experimentação como condutores do trabalho durante os três meses em que o Programa Mix Cultural foi ao ar. A intuição, no caso, permitia-nos criar soluções rápidas frente aos desafios da semana: climáticos, geográficos, financeiros, técnicos, etc. Enfim, tínhamos muitas vezes que encontrar soluções instantâneas, inclusive durante os programas que conforme salientado anteriormente, eram ao vivo e a cores. O imprevisto, o instantâneo, a velocidade e a lentidão dos tempos dos Programas, ingredientes novos e surpreendentes que nos eram apresentados a cada dia como um grande e desconhecido desafio. A experimentação por outro lado permitiu-nos enfrentar o medo da inércia. O Chibarro, ao inserir-se quase intuitivamente no terreno complexo e difícil da televisão colocou-se como uma de suas principais metas a criação conceitual de seus Programas, tarefa a qual o presente estudo pretende fornecer as primeiras pistas.

3. Programa Mix Cultural TVC:

Esse primeiro ensaio na direção da criação conceitual do Chibarro no que tange à área de comunicação social, com destaque aqui para as práticas de televisão comunitária será apresentado aqui em seu caráter descritivo e demonstrativo. Em primeiro plano iremos apresentar alguns dos principais procedimentos utilizados na organização dos Programas, recursos materiais, formação da equipe, cronograma dos Programas, plano de trabalho, seleção dos temas, estrutura dos programas, etc.

Logo a seguir iremos descrever o primeiro programa Mix Cultural, veiculado no dia 21 de agosto de 2006 e que irá inaugurar uma série de dezoito programas aqui sintetizados em termos das temáticas abordadas, convidados e recursos utilizados. Como parte do material empírico do estudo criamos também um audiovisual de cinco minutos onde é possível visualizar os principais momentos do Programa Mix Cultural. Vale salientar que o critério para o recorte, seleção das imagens e falas desse material foi a diversidade cultural, que deveria ser traduzida em termos de temas, convidados e recursos utilizados.

⁴ Chibarro significa mestiço que por sua vez significa mistura.

⁵ Mestre de cerimônias, cantor de rap que organiza as festas de hip hop.

⁶ Segundos conceitos de Educação não Formal de Garcia, Valeria Aroeira. Um sobrevoô: O conceito de educação não-formal. Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos. Holambra/SP; Editora Setembro, 2005.

Os programas foram elaborados da seguinte forma:

A equipe tinha as sua disposição: duas filmadoras digitais, maquina fotográfica, laboratório de edição de imagens, documentários gravados com conteúdos das iniciativas culturais do Chibarro, e também algumas filmagens de outras entidades sociais e culturais que não dispunham de equipamentos e pediam para nossa equipe registrar, imagens de eventos do próprio Ponto, etc. Tivemos apenas uma semana para nos prepararmos, ocupar o espaço que nos foi oferecido, e entrar no ar, *ao vivo, às 16:00h de todas as segundas-feiras*, durante uma hora e sem interrupções comerciais.

De caráter experimental, o Programa então denominado Mix Cultural teria uma duração de três meses (21 de agosto de 2006 a 18 de dezembro de 2006), totalizando 18 programas de uma hora cada. Transmitidos ao vivo pela TVC em dois canais da TV por assinatura, os programas eram realizados em estúdio da própria emissora, tinham um caráter jornalístico, e como tema central a divulgação de trabalhos sócio-culturais realizados pela periferia de Pelotas juntamente com a abertura para discussão de questões sociais dessas classes atendidas, já que as mesmas são excluídas da grande mídia.

Para escolher os temas dos programas levamos em conta que eles seriam um grande instrumento de formação de opinião pública, para a diminuição do preconceito e o aumento da inclusão social, além de ser um importante meio para o esclarecimento de dúvidas e divulgação dos trabalhos desenvolvidos na cultura popular.

O programa era estruturado da seguinte forma: dois blocos de entrevistas ao vivo e apresentações de imagens coletadas e editadas pelos apresentadores, os apresentadores tanto trabalhavam em dupla como individualmente. Como não possuíamos apoiadores não tínhamos intervalos comerciais e sendo o programa realizado ao vivo, precisávamos de intervalos para a troca dos entrevistados então optamos por utilizarmos os VTs (com imagens diversas, apresentando o trabalho dos grupos da incubadora, assim como outros grupos que desenvolvem trabalhos semelhantes e com os mesmos objetivos sociais) para fazer essa ruptura.

Câmera: O Primeiro Programa Mix Cultural:

Foi ao ar, no dia 21 de agosto, ao vivo o primeiro programa, apresentado pela Acadêmica Micheli que cursa Educação Física, onde ocorreu num primeiro bloco a apresentação do ponto de cultura, pela própria apresentadora, já que a mesma pertencia à coordenação Executiva do Projeto e realizava outras atividades na Incubadora. Nesse momento foi contada toda a história do Ponto de Cultura e foram apresentados os trabalhos desenvolvidos e os livros publicados através das pesquisas já realizadas com os projetos encubados pelo Chibarro. No segundo bloco a apresentadora entrevistou o coreógrafo e fundador do Grupo Piratas de Rua Uanderson Oliveira (Vovô) e também o coordenador da Banca CNR⁷, ambos foram escolhidos para serem entrevistados já que faziam parte do projeto de pesquisa e extensão desde os seus primórdios em 2000. O tema da discussão foi à falta de valorização e discriminação que o movimento Hip Hop sofre na cidade. Foi aproveitado esse momento para anunciar que o MC Fagundes dividiria o papel de apresentador juntamente com a estudante. Entre os dois blocos ocorreu a apresentação de um VT⁸ com imagens do Grupo Piratas de Rua⁹ no 24º Festival de Dança de Joinville, onde

⁷ Um dos mais conhecidos grupo de Rap da cidade, é composto por moradores do loteamento Dunas, (Mc Fagundes, Mc Davi, Mc Gabriel) eles possuem dois cds gravados, e já ganharam prêmios em festivais Estaduais, o mais recente foi o Premio Lança de Ouro, no maior festival de Rap do Estado.

⁸ Chamamos de VT, produções áudio-visuais feitas por nossa equipe, com tempo indeterminado.

consagraram-se vice-campeões na categoria Sênior e conjunto, e onde tiveram o Vovô como primeiro coreógrafo a ser indicado ao prêmio revelação. Como informa a revista Aplauso (Ano 9/ edição 79, 2006).

Os demais programas tiveram os seguintes conteúdos:

Todos os programas foram estruturados para transmitirem uma mensagem das coisas boas que acontecem na periferia, levar o protagonismo social para o público que estava assistindo, para isso em cada programa foi abordado um tema e a partir daí se promoveram debates entre os apresentadores e os convidados, em busca de passar um maior conhecimento aos espectadores sobre o assunto apresentado. Sabendo que o espaço que utilizávamos era de uma Televisão Comunitária fizemos questão de mostrar as atividades desenvolvidas nos bairros de Pelotas, para darmos visibilidade a essas expressões, tão esquecidas e muitas vezes abafadas em outros veículos de comunicação. Entre os temas abordados estavam: Capoeira, Dança Afro, Dança de Rua, Hip Hop e Bandas Marciais. Foram recebidos diversos convidados para apresentarem e debaterem sobre esses temas entre eles estavam, professores de história e ed. Física, coordenadores de ONGS, professores de dança, cantores de Rap, Mestre das Bandas, Agentes Culturais¹⁰, Coordenadores do Ponto de Cultura assim como coordenadores do Consórcio Rural¹¹ e Estudantes de ensino médio. Todos eles foram protagonistas de sua própria história onde tiveram liberdade de expressão e puderam manifestar suas opiniões, críticas e sugestões sobre o tema abordado.

Para enriquecer o conteúdo cultural do programa sempre foram apresentados vídeos e filmagens feitas fora do estúdio, essas imagens tinham o objetivo de apresentar o trabalho desenvolvido por cada grupo nas comunidades locais assim como dar cobertura aos eventos que eles participavam fora da cidade, para assim mostrar a importância de suas intervenções sociais e culturais. Entre as imagens apresentadas cito as causaram um maior impacto social: Mostra de Dança de Origem Africana, Apresentação Fórum Latino Americano de Cultura e Identidade, Apresentação do Grupo Piratas de Rua nos festivais “Porto Alegre em Dança”, “Festival de Joinville” e “Teatralidade do Humano”, Batizado de Capoeira do Grupo herança Cultural, Inauguração do ponto de Cultura de São Lourenço, Desfile das Bandas Nas Escolas, VT Agentes Culturais, VT Consórcio da Juventude Rural e shows dos grupos Banca CNR e Guagui IDV.

Perguntamos a um dos entrevistados pelo programa. Qual a importância de abertura de espaço na televisão, para o trabalho desenvolvido pelos Grupos de periferia da cidade?

“A gente sempre procura passar o que temos de bom na periferia. Porque muitas pessoas não conhecem o lado cultural, é preciso ser mostrado a questão do resgate que o hip hop faz, já que é uma realidade que muitas vezes o próprio sistema não tem força necessária ou vontade de fazer”. (MC Thiago Moura¹²)

⁹ Os Piratas de Rua são hoje um grupo semiprofissional de dança, que desenvolve uma modalidade emergente chamada “Freestyle”(estilo livre), uma espécie de dança de rua coreografada..

¹⁰ Agentes Culturais, foram jovens que participaram do programa Agente Cultura Viva do MinC e que se incluíram no Programa Primeiro Emprego do TEM.

¹¹ Convênio do Ministério da Agricultura com o Ministério do trabalho, onde propiciaram formação para jovens moradores da zona rural de Pelotas e incentivos para aquisição da primeira terra.

¹² MC do grupo Guagui IDV, estudante de Comunicações Sociais/ Jornalismo na Universidade Católica de Pelotas.

4. Ação desencadeada frente aos holofotes e câmeras.

Através da inclusão social que o programa teve capacidade de fazer, conseguimos levar para outras camadas da sociedade, a expressão cultural oriunda da periferia, fazendo com que muitas pessoas mudassem seus conceitos em relação a essas comunidades e ao trabalho por elas realizados. Nas produções dos programas sempre lembramos que estávamos em um sistema de TV fechado (TV a cabo), onde as pessoas que nos assistiam não eram as que tinham contato com nossas ações. Devido a isso, tomávamos o cuidado para não deturpar a imagem dos Grupos, pois sabíamos da responsabilidade de divulgar atividades marginais.

Ao encerrar nosso trabalho na TV ficamos satisfeitos com os resultados obtidos, pois conseguimos criar esse vínculo bairro-centro, tão necessário para que sejamos vistos como um instrumento de resgate e ressocialização, tão eficientes dentro da nossa sociedade. Nossa experiência com o programa mostrou com grande ênfase a importância de darmos a voz a pessoas que foram marginalizadas durante anos, para que fosse proclamado um grito de liberdade, de sua memória, de sua história, de respeito por suas produções periféricas. O começo de uma inclusão Social em prol de uma Memória coletiva.

Em relação aos apresentadores é importante salientar a relação de cumplicidade, amizade e solidariedade que se gerou entre eles, onde fizeram de suas diferenças um marco para construção de um trabalho social inclusivo sempre trabalhando em equipe, pela busca do material a ser apresentado. Mesmo com todas suas diferenças de raça, sexo, classe social, e escolaridade, conseguiram entrelaçar as suas experiências culturais e colaboraram na construção da rede solidária, trocando informações e aprendendo um com o outro. Esse cruzamento de um Mc, com incrível capacidade de transmitir em formas simplificadas os problemas sofridos por um povo marginalizado, com uma futura professora de Ed. Física, conseguiram apresentar as diversidades dos trabalhos desenvolvidos pela periferia, com a ajuda de uma instituição pública federal, trabalho que se tornou muito interessante, pois propiciou um espaço aberto para socialização e democratização, onde a diversidade dos apresentadores deixavam qualquer entrevistado a vontade para manifestarem as suas opiniões e as suas práticas corporais e culturais, sem terem a preocupação de não serem compreendidos ou rotulados de forma errônea.

Esse trabalho também apresentou mais uma opção de área de trabalho para um professor ou acadêmico de Ed. Física, profissional que desenvolve trabalhos diversos, o que o torna muito interessante, pois permite a composição de diferentes bagagens culturais e sociais. Devemos levar em conta a questão da multidisciplinariedade desse professor, e nos questionarmos do quanto é importante o papel dele como criador, organizador e multiplicador de cultura, cultura essa que já vem impregnada na alma de cada um dos seus alunos e que deve ser trabalhada por ele como um difusor de relações sociais, sejam elas dentro ou fora do meio formal.

4.Referências:

GARCIA, Valeria Aroeira. **Um Sobrevôo: O Conceito de Educação Não-Formal**. IN PARK, Margareth Brandini & FERNANDES, Renata Ribeiro. (orgs) Educação Não-Formal: contextos, percursos e sujeitos. Campinas: Setembro/CMU/Unicamp, 2005.
 ROLDÃO, Ivete Cardoso do Carmo. **A democratização da comunicação para a inclusão social: a experiência em comunicação do serviço de saúde Dr. Candido Ferreira**. IN

- PARK, Margareth Brandini & FERNANDES, Renata Ribeiro. (orgs) Educação Não-Formal: contextos , percursos e sujeitos. Campinas: Setembro/CMU/Unicamp, 2005.
- ROTTA, Daltro Cardoso. **“O Hip-Hop (en)cena: Problemáticas acerca do corpo, da cultura e da formação.”** Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2006.
- PARDO, Eliane & RIGO, Luis Carlos Rigo.(orgs) **“Cartografias Urbanas: Dobras da Iniciação Científica”**. Pelotas: UFPEL: Seiva, 2002
- BESPALHOK, Flavia Lúcia Bazan e HEITZMANN, Patrícia Zanin. **“Radio Jornalismo e Subjetividade: em busca de vozes singulares”** XXVI Intercon - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo horizonte, 2003.
- SIMEONE, Marcio Henriques (org.) **“Comunicação e Estratégias de Mobilização Social.”** Belo Horizonte/ MG, Dom Bosco,2002.
- Cartilha **“Agente Cultura Viva”**, Programa Cultura Viva, Ministério do Trabalho e Emprego/Governo Federal
- Revista APLAUSO CULTURA EM REVISTA, Porto Alegre/RS nº79, ano 9, 2006.
- LOPES, Herculano Antônio & CALABRE, Lia. (Orgs) **“Diversidade Cultural Brasileira.”** Rio de Janeiro, Edições Casa de Rui Barbosa, 2005.

Micheli Ott Pires, Rua Um Ambrosio Ferret, 230. Pelotas/Rs,CEP: 96075510 michelipiresef@yahoo.com.br

Nídia Caldas Lemons - Pelotas/RS. Brasil. Avenida Espírito Santo, 2450 CEP 96090-260. nidialemons@yahoo.com.br

José Ricardo Veske de Freitas, Av. Marechal Floriano Peixoto,1892. São Lourenço do Sul, CEP:96170000. supervisaosls@terra.com.br

Augusto Luis Medeiros Amaral. Rua Ceslau Mario Biezanko, 51 Casa, 01 - Pelotas/RS. CEP 96080-420. augusto_amaral@terra.com.br

Eliane Ribeiro Pardo, Rua XV de Novembro402, AP 802. Pelotas/RS. CEP: 96100000 elipardo@terra.com.br